ATUALIDADE DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE.

Jean Mac Cole Tavares Santos[1]

RESUMO
O presente artigo reflete sobre a atualidade da história do tempo presente. Parte da relação entre a história e o sujeito histórico, a postura militante desse campo histórico, as dificuldades e os preconceitos encontrados nos próprios historiadores. Apresenta a defesa da história do tempo presente trazendo para o debate as enormes possibilidades de estudos que somente quem atua no calor dos acontecimentos pode encontrar. Ressalta a necessidade de o historiador manter a atenção redobrada para não cair nas armadilhas propiciadas pela aproximação com o objeto de estudo. Por fim assina a proximidade, necessária e inevitável, com história oral. Como síntese defende que a história do tempo presente é, antes de tudo, História.
Palavras-chave: história do tempo presente; história e memória; História

ABSTRACT
The present article thinks about the actuality of the history of the present time. Part of the relation that holds between the history and the historical subject, the militant posture of this historical field, the difficulties and the prejudices found in the historians themselves. It presents the defense of the history of the present time bringing to discussion the enormous means of study which only the one who acts in the context of the events can find. It emphasizes the necessity of the historian in maintaining the attention increased so it will not fall in the traps favored by the approximation with the object of study. Finally it signs the proximity, necessary and inevitable, with oral history. As a synthesis it defends that the history of the present time is, first of all, History.
Keywords: present time; history and memory; immediate history

Uma das grandes questões de quem se debruça para pensar o contemporâneo é a questão da proximidade com o que está acontecendo. Vários teóricos ao iniciar uma análise sobre essa época revelam sentimentos como um 'todo confuso', 'indescritível', 'emaranhado de coisas', revelando a dificuldade de visão perante o momento histórico. Desse modo, pode-se pensar que a penumbra, vista a partir dos olhos dos estudiosos, não é outra coisa senão sua proximidade com os acontecimentos. A falta de distanciamento, o envolvimento com a época, a dispersão do local e do tempo presente, podem ofuscar os estudiosos dessa época, deixando tudo em sombras, opaco, amorfo, inodoro.

[1] Mestre em História Social (UFRJ). Doutor em Educação Popular (UFPB). Professor Adjunto FE – UERN. E-mail: maccolle@hotmail.com.

A história e o sujeito histórico podem se entrelaçar de tal forma que chega a se confundir-se no meio do fato histórico. Para Jean LACOUTURE (2000), por exemplo, fazer história imediata é ser Georges-Jacques Danton levado ao cadafalso, falando ao povo de sua relação com a revolução e explicando o significado da sua morte. Tal postura militante, que serve para mostrar o envolvimento inevitável entre os acontecimentos e o historiador, mostra a dificuldade de contar algo que estamos participando, atuando conscientemente, inclusive para mudanças de rumos da história. Por isso, fazer história no calor dos acontecimentos é um desafio e um enfrentamento que exige atenção redobrada.

No entanto, é preciso pontuar que continuamos no campo da história. Antes de tudo, fazemos história bem antes que história do tempo presente. Como mostra Jean-François SIRINELLI (1999) o historiador trabalha sobre o passado, mesmo que próximo, isto é, sobre o que está abolido. O historiador do presente trabalha sobre um passado mais próximo, com os acontecimentos indefinidos ou até mesmo no meio dele. Dessa forma, a história do presente é primeiramente e antes de tudo história.

Afirmar a história do presente como história parece banal. Porém, essa afirmação se faz necessária devido a alguns que insistem em não reconhecer o tempo presente como possível de estudo. Sendo assim, antes de correrm os para a busca de nosso fazer, histórico, no presente, precisamos armar a barricada contra os que nos querem fora da disciplina histórica. Segundo Marieta Ferreira tal afirmação não era necessária em outros momentos da historiografia:

Na Antiguidade clássica, muito ao contrário, a história recente era o foco central da preocupação dos historiadores. Para Heródoto e Tucídides, a história era um repositório de exemplos que deveriam ser preservados, e o trabalho do historiador era expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos. Não havia, portanto, nenhuma interdição ao estudo dos fatos recentes, e as testemunhas oculares eram fontes privilegiadas para a pesquisa (FERREIRA, 2000, p.17).

A história contemporânea foi se tornando problemática a partir da necessidade de sua legitimação enquanto disciplina:

> O ponto de partida para entender esse processo é a constatação do triunfo de uma determinada definição de história a partir da

> institucionalização da própria história como disciplina universitária. Essa definição, fundada sobre uma ruptura entre o passado e presente, atribuía à história a interpretação do passado e sustentava que só os indivíduos possuidores de uma formação especializada poderiam executar corretamente essa tarefa (idem, p. 18).

A profissionalização da história e dos historiadores exigia uma disciplina mais rígida, que afastasse os amadores, que tivesse seu próprio ritual, sua mística, seu método. Foi nesse quadro de afirmação dos historiadores profissionais que se colocou como condição indispensável para se fazer uma história científica um punhado de posicionamentos estanques: a visão retrospectiva, a lisura das informações, o documento escrito, autêntico e sua análise intensiva. O documento e sua crítica eram assim essenciais para distinguir a história científica da história literária, os profissionais historiadores dos ensaístas, literatos, contistas e amadores.

A afirmação da concepção da história como uma disciplina que possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio, que tinha uma prática regular de decifrar documentos, implicou a concepção da objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente. Assim, só o recuo no tempo poderia garantir uma distância crítica. Se se acreditava que a competência do historiador devia-se ao fato de que somente ele podia interpretar os traços materiais do passado, seu trabalho não podia começar verdadeiramente senão quando não mais existissem testemunhos vivos dos mundos estudados. Para que os traços pudessem ser interpretados, era necessário que tivessem sido arquivados. Desde que um evento era produzido ele pertencia a história, mas, para que se tornasse um elemento do conhecimento histórico erudito, era necessário esperar vários anos, para que os traços do passado pudessem ser arquivados e catalogados (idem, ibidem).

Assim, na busca pela cientificidade que supostamente daria a legitimação frente às demais ciências sociais, a história deveria ficar restrita ao ensino superior e aos períodos recuados, sobre a guarda atenta de seus profissionais. A história contemporânea, a história imediata, a história do presente por não comportarem a rigidez científica do *méthode historique*, ficariam a cargo dos jornalistas e sociólogos, politólogos e amadores.

> A separação entre passado e presente colocada dessa forma radical e as competências eruditas exigidas para trabalhar com os períodos

> recuados garantiram praticamente o monopólio do saber histórico aos especialistas. Assim, os historiadores recrutados pelas universidades no século XIX eram especializados na Antiguidade e na Idade Média, períodos que exigiam o domínio de um conjunto de procedimentos eruditos. Com isso pretendia-se impor critérios rígidos que permitissem separar os verdadeiros historiadores dos amadores" (idem, p. 19).

Como se pode deduzir, o embate é também por reconhecimento profissional, acadêmico e científico. A delimitação de espaço de atuação e do campo de trabalho, objetivava o desligamento com o popularesco, o folclórico, o corriqueiro e o amador. A luta pelo reconhecimento da disciplina histórica exigia naquele momento um rompimento entre passado e presente, erudito e popular, profissional e amador, literatura e ciência. Com tal cisma, o desprezo e a desqualificação dos testemunhos diretos, pelas fontes orais foi inevitável, ficando quase que exclusivamente nas mãos dos historiadores (ditos) amadores já que o período recente, acreditavam eles, não exigia uma farta cultura clássica, nem o controle dos procedimentos eruditos do método histórico.

] Em grande parte pode-se dar razão a tal análise. A história recente tem sim suas singularidades. Bem mais do que as especificidades da história tida como *clássica* certas preocupações e cuidados devem acompanhar o historiador do presente. As fronteiras de sua disciplina são uma delas. As confusões com os jornalistas (principalmente os bons jornalistas) e sociólogos são intermináveis. Perguntas como quem invadiu o território alheio se não tem sentido em várias disciplinas das ciências sociais, aqui ela ressuscita.

Uma outra questão sempre levantada contra esse tipo de história é a de que o historiador sofre as influencias de seu tempo já que participou, viveu, protagonizou os acontecimentos. Eric HOBSBAWN (1996) admite que relutou em iniciar tal tarefa devido à *consciência dos assuntos públicos* que lhe trariam opiniões e preconceitos sobre a época. Memso assim, Hobsbawn além de vencer as dificuldades de ser participante, ainda ultrapassa os seus preconceitos e de outros, para considerar as suas ações enquanto agente histórico do processo, utilizando sua memória como fontes. Dessa forma ele abre caminho para se entender que a história enquanto o historiador está presente é mais do que possível: é necessária.

O entendimento aqui é que nenhuma construção histórica, seja ela desse século ou dos séculos passados, está imune aos preconceitos e desvios dos historiadores. Isto

é, nada garante de antemão, que trabalhar com uma pesquisa de duzentos ou trezentos anos atrás, afasta o historiador dos preconceitos de seu tempo. É verdade que o historiador do presente leva consigo toda a carga que acumulou de sua época para a discussão com as fontes. É verdade também que a história construída não está imune de sua personalidade, ideologia ou interesses diversos. Mas de alguma forma, o historiador do passado distante também não está imune a tais desvios. O resultado da pesquisa só tem uma cara: a do historiador, seja ele do presente ou *clássico*.

Isso não significa dizer, numa confirmação simplista da máxima, que *toda história é uma história do tempo presente* por que é feita a partir do tempo do historiador. Significa mais afirmar que toda história é pensada a partir do tempo do historiador que vai buscar no passado (mesmo o próximo) as interlocuções para a compreensão da realidade.

LACOUTURE lembra muito bem, em a *história imediata*, uma grande dificuldade para os aventureiros do presente: "*o que faz ao mesmo tempo a especificidade e a fraqueza desse tipo de história, é o fato de que o pesquisador imediato, ao contrário do historiador* (clássico), *ignora o epílogo*" Ele não tem o suporte da sabedoria do final do jogo ou dos números anteriormente sorteados na loteria. A construção histórica proposta, torna-se, então, mais difícil já que "*o historiador do presente e do imediato não dispõe dessa arma inelutável que possui o historiador clássico, conhecer a seqüência numa duração bastante longa. Ele deve manifestar uma prudência particular, não se arriscar na prospecção em função de um presente que não pode ser senão provisório*" (2000, p.63).

Os cuidados, isso sim, devem ser redobrados. Porém, por uma outra ótica, o que pode vir a ser um empecilho à construção histórica, pode ser também mais um componente na defesa do fazer da história recente. Roger Chartier sustenta que na história do tempo presente

> "o pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do

> historiador e aqueles que fazem a história" (CHARTIER, 1993, p.8).

Então, se há especificidades que trabalham contra esse tipo de história, outras só são possíveis por que se trata da história próxima. Dessa forma, somos devedores dos franceses, principalmente. A ampliação das fontes históricas, dívida que temos com a Escola dos Annales, significou (e muito mais: dignificou) a história do tempo presente, construiu seu estatuto de disciplina histórica.

Ninguém pode negar a predileção dos testemunhos em nossa elaboração. Podemos, como ninguém, utilizarmos os depoimentos para percebermos mais alguma coisa que o escrito, o gravado ou o filmado não conseguiu representar. A fonte oral para o historiador do presente é um complemento que pode substituir as fontes que não foram liberadas ainda, por exemplo. Da mesma maneira, várias outras intervenções são permitidas por conta da convivência no mesmo período histórico: perceber certas intenções e sentimentos diante de acontecimentos, corrigir distorções do documento escrito, preencher lacunas de eventos, ouvir as vozes, literalmente, dos autores históricos. Nessa medida, não há outro documento capaz de fornecer ao pesquisador a subjetividade que a fonte oral propicia. Diante disso, o caráter passageiro da existência humana torna a história do presente a única possível para lidar com as falas dos autores nos processos históricos.

Sobre um possível questionamento da validade da história oral, dos depoimentos, da historicidade das falas ou das diversas preocupações com a manipulação individual, coletiva ou social da memória, fazemos uma pergunta: Qual historiador abriria mão de ouvir os sobreviventes do holocausto para pendurar-se em estantes empoeiradas buscando vestígios da violência nazista? Difícil acreditar que haveria algum historiador que não buscasse uma composição entre as duas possibilidades.

E para aqueles que realmente temem os depoimentos: Quais vestígios a serem descobertos, nos depoimentos do sobrevivente ou nas estantes empoeiradas, estariam mais próximos dos fatos acontecidos nos campos de concentração nazista? Quais dos dois vestígios encontrados também poderiam aparecer desvirtuados, ideologizados, embaçados pela subjetividade de seus autores (pois aprendemos logo que nos documentos escritos há autoria e que sua autoria não é neutra)? De forma alguma podemos considerar como absoluta uma ou outra opção. Com essa relação, não

existindo absolutização de nenhuma fonte, podemos intuir que a diferenciação será feita pelos cuidados, pela honestidade, pelo compromisso e qualidade do pesquisador, do historiador. Sendo tratado com todos os cuidados da profissão, por bons historiadores, o depoimento é a arma por excelência do historiador do tempo presente.

Pensar as vantagens da história do presente, sem esquecer das dificuldades e diferenças, reafirma sua essência de História. Desse modo, toda história deveria levar um só verbete: História. Acreditamos no que nos lembra SIRINELLI (1999) "por seus motivos, seus métodos, suas fontes, a história do presente não difere em nada da história do século XIX" (p.11).

Referências bibliográficas:

CHARTIER, Roger. CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre Práticas e Representações. Lisboa, Bertrand Brasil, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Petrópolis: Cultura Vozes, 2000.

HOBSBAWN, Eric. A Era dos extremos - O breve século XX. São Paulo, Companhia das letras, 1996.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In LE GOFF, Jacques. A história nova. Martins Fontes, Rio de Janeiro, 2000.
SIRINELLI, J, Ideologia, tempo e história, in CHAUVEAU, A., TÉTART, P. Questões para a história do presente, Bauru, SP: EDUSC, 1999.